

UNIDADE 1

PANORAMA DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Texto didático 1

INTRODUÇÃO – FILOSOFIA DA LINGUAGEM NA ANTIGUIDADE – CHUANG TZU

Beto Vianna

INTRODUÇÃO

A **filosofia da linguagem** é o ramo da filosofia que investiga as relações entre o pensamento, a linguagem e o mundo, e a natureza do **COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO** humano, ou, em uma segunda acepção, principalmente na filosofia dos últimos cem anos, um método de investigação das questões filosóficas através da análise da linguagem, ou **FILOSOFIA ANALÍTICA**. Desde os primeiros filósofos de que temos notícia, tanto na história do pensamento ocidental quanto em outras tradições, como a chinesa e a indiana, a linguagem é um fenômeno recorrente em suas preocupações, seja nas indagações sobre a natureza do significado das palavras, sobre a relação da linguagem com os objetos e eventos do mundo, ou sobre o papel que a linguagem exerce no comportamento, na aprendizagem e no conhecimento humanos.

Como essas tradições desenvolveram-se em sociedades com organização estatal, hierárquicas e letradas, o modo de se conceber a linguagem sempre foi fortemente marcado pela influência da **ESCRITA**, com consequências, até hoje, para o desenvolvimento dos estudos e reflexões sobre a linguagem. Assim, tanto as abordagens filosóficas quanto as científicas – aquelas que estudamos nos bancos escolares e nas universidades, inclusive na presente disciplina – não são expressões do pensamento humano universal, mas formas locais (ainda que, hoje, hegemônicas e privilegiadas) de se refletir sobre o fenômeno linguístico.



Alguns famosos filósofos da linguagem
(quase sempre brancos, homens e velhos)

A partir do final do século XIX e início do XX, a linguagem assume um cada vez papel mais proeminente, às vezes central, no afazer da filosofia. Se antes a linguagem era um tema entre outros das preocupações filosóficas, ou servia de instrumento ou apoio para reflexões mais abrangentes, a partir de então, alguns grupos de filósofos passaram a considerar o exame da língua o fundamento de toda investigação filosófica, que é o que tradicionalmente se denomina a **VIRADA LINGÜÍSTICA** em filosofia.

Nesta UNIDADE 1 da disciplina, serão disponibilizados três textos didáticos, que irão apoiar a leitura do material teórico, com abordagens complementares, escolas, autores e conceitos importantes na filosofia da linguagem. No texto didático 1, uma breve passagem pela filosofia da linguagem na antiguidade clássica, em especial as tradições indiana e chinesa, e aspectos do pensamento de Chuang Tzu. No texto 2, é examinada a tradição ocidental, com contribuições de Platão e Aristóteles, e conceitos relevantes das escolas medievais, modernas e contemporâneas. Finalmente, no texto didático 3, um pouco do pensamento de Frege e a virada linguística em filosofia. Você pode ter percebido que alguns conceitos estão realçados em CAIXA ALTA e em **vermelho**. A função desse destaque é motivar a atenção e a pesquisa (ou seja, convidar quem lê a esquecer a preguiça e buscar o conceito destacado nos livros ou na internet).

FILOSOFIA DA LINGUAGEM NA ANTIGUIDADE

Na Grécia, a investigação filosófica da linguagem remonta ao século V a.e.c. (antes da era cristã), em especial com Platão, Aristóteles e os estóicos. Na Grécia como na Índia, as especulações sobre a linguagem antecedem as tradições gramaticais (descrição sistemática da língua), que só se iniciam, respectivamente, nos séculos III e IV a.e.c. Quanto à Grécia, nos deteremos, no texto didático 2, em aspectos do pensamento de Platão e Aristóteles (você pode pesquisar, por conta própria, a filosofia da linguagem dos **ESTÓICOS**).

Reflexões sobre a natureza e **FUNÇÕES DA LINGUAGEM** na Índia podem ser rastreadas até o período mais antigo, no século VII a.e.c., das filosofias ortodoxas, ou *āstika* (que acreditam no princípio universal de Brahma, e seguem os textos védicos, ao contrário, por exemplo, do budismo). Há muitas linhas diferentes de pensamento sobre a linguagem. Uma sobre sua natureza, outras sobre línguas específicas ou seus usos específicos, como o papel da linguagem na criação do universo ou na comunicação humana, ou como meio usado pelos deuses para controlar o mundo, ou pelos humanos para alcançar seus propósitos religiosos ou mundanos.



Veda Vyasa (à direita), autor dos textos védicos e do Mahabharata, recebendo as palavras de Vishnu.

O termo *artha* é a versão, em sânscrito, da noção de **SIGNIFICADO**, que pode remeter a um objeto real do mundo exterior, ou a um conceito, que pode não corresponder a qualquer coisa existente. As várias teorias indianas do significado estão relacionadas às posições adotadas pelas diferentes escolas. As escolas ortodoxas, como Nyāya e Mīmāṃsā têm ontologias **REALISTAS** (os objetos têm uma existência real independente da interpretação humana, e as palavras apontam para esses objetos). Já os pensadores budistas costumam considerar que a linguagem apresenta uma imagem falsa da realidade.

Os gramáticos sânscritos interessavam-se mais pela **COMUNICAÇÃO** que pela **ONTOLOGIA**. A distinção ocidental entre **SENTIDO** e **REFERÊNCIA** é obscurecida nas discussões sânscritas sobre o significado. Esses filósofos perguntavam: o que a palavra comunica? E o que muda nas diferentes camadas de significado? Pode haver um significado primário (algo é diretamente comunicado pela palavra) e se esse significado for impróprio em determinado contexto, passa-se ao significado secundário, uma extensão do primeiro. E há o significado sugerido, que pode ou não ser o mesmo pretendido pelo falante. Entre as escolas filosóficas indianas, a noção de significado pode variar segundo sua visão ontológica, sua **EPISTEMOLOGIA**, sua visão sobre o papel dos deuses e das escrituras, e seu foco em um certo tipo de **DISCURSO**.

As primeiras reflexões chinesas sobre a linguagem desenvolveram-se antes da dinastia Han, no ponto alto da filosofia clássica, as “Cem escolas de pensamento”, que vão do século VI ao III a.e.c. A teoria da linguagem é essencial no pensamento chinês clássico, e moldou suas discussões sobre metafísica, ética e teoria política. Os debates clássicos sobre a linguagem produziram teorias cada vez mais refinadas, e refletem características das línguas chinesas. Apesar da derivação pictográfica do chinês escrito, os pensadores clássicos tendiam a tratar a referência como questão de convenção histórica, e as palavras, cunhadas hipoteticamente por “reis sábios”. Nenhum filósofo chinês clássico parece ter formulado a linguagem como representação (do mundo, dos objetos, da mente). Uma **TEORIA REPRESENTACIONISTA** poderia parecer natural (para nós, ocidentais), dada o caráter ideográfico da sua escrita. Mas talvez por isso mesmo, por lidar com **IDEOGRAMAS** escritos, os filósofos chineses não tenham se preocupado em propôr **IMAGENS MENTAIS** idealizadas, tão comuns na filosofia (e mesmo na teoria linguística) ocidental.

CHUANG TZU

O filósofo chinês que melhor conhecemos é Confúcio (Kongzi), para quem a relação primeira da linguagem é com a ação, não com objetos. Falar é usar a linguagem corretamente nas circunstâncias apropriadas. Esse aspecto do confucionismo é recorrente no pensamento chinês clássico sobre a linguagem, sempre performativo, político, pragmático ou **EXTENSIONAL**, raramente **INTENSIONAL**, pouco se referindo a termos como “sentido”, “conceito” ou “ideia”. Reconhecida a importância de Confúcio, para nossos propósitos detemo-nos em outro filósofo, Chuang Tzu (Zhuangzi)¹, que, de algum modo, antecipa questões próprias dos temas centrais desta disciplina: as abordagens da linguagem do segundo Wittgenstein e do Círculo de Bakhtin. Chuang Tzu foi um sábio taoísta que nasceu no século IV a.e.c na atual província de Henan, na China central. Comungava com o fundador do taoísmo, Lao Tze (Laozi), a ideia de que a linguagem cria os padrões de distinções e avaliações que normalmente consideramos naturais ou óbvios.

Essa visão é muito semelhante ao que se chamou no ocidente, dois milênios e meio mais tarde, de **RELATIVISMO LINGÜÍSTICO**. Chuang Tzu combinou a abordagem de Lao Tze com a crítica de outro filósofo clássico chinês, Hui Shi, ao perspectivismo da referência linguística (a referência do termo depende da perspectiva do observador), mas sem a afirmação desse autor de que a realidade é uma só, independente da visão de mundo. Ou seja, para Hui Shi, o termo “alto” no olhar da girafa, tem acepção diferente de “alto” para o tatu, mas aquilo a que tal qualidade se refere (digamos, uma árvore) terá sempre a mesma altura. Chuang Tzu, como bom relativista, argumenta que, se dizer a altura certa da árvore não é privilégio de ninguém (nem do mesmo falante em momentos diferentes), tal **VERDADE COMO CORRESPONDÊNCIA À REALIDADE** não irá iluminar nossa discussão sobre a linguagem.



Chuang Tzu conversa com um sapo

Essa combinação deu a Chuang Tzu um pluralismo que se reflete em seu estilo de filosofar. Suas discussões filosóficas são diálogos entre paradigmas radicalmente diferentes (incluindo não humanos), lembrando a perspectiva **DIALÓGICA**, bakhtiniana, da linguagem. Uma vantagem dessa postura foi não comprometer Chuang Tzu com nenhuma conclusão especificamente anti-linguagem (que desconsiderasse a importância da linguagem nas ações ou reflexões humanas). Ele podia, ao mesmo tempo, incorporar o **CETICISMO** taoísta, e se distanciar da sabedoria convencional e das pretensões dos sábios a uma interpretação correta do Tao Te Ching (texto clássico do taoísmo, talvez parcialmente escrito por Lao Tze no século VI a.e.c).

Sua análise destaca o papel dos **INDEXICAIS**, em especial os pronomes demonstrativos (este, aquilo). Esses termos referem-se a algo em cada instância de seu uso, mas *a que* eles se referem muda com as circunstâncias. Qualquer coisa pode ser um “isso” em dado contexto, e, igualmente, um “não isso”. Assim, mesmo concordando que certas regularidades objetivas podem influenciar a seleção dos termos em um idioma (em português, por exemplo, tendemos a usar a forma plural quando há mais de um objeto), Chuang Tzu notou que isso acontece das maneiras mais diferentes de língua para língua e de situação para situação, e pode não haver limite para o número de modos pelos quais atribuímos determinado termo às coisas ou casos do mundo. Ouvir as palavras de Chuang Tzu sobre as várias e inusitadas regras de se falar do mundo, regras para se jogar **JOGOS DE LINGUAGEM**, é quase escutar (o segundo) Wittgenstein falando.

¹Nomes chineses podem aparecer latinizados, adaptados à fala ocidental, ou transliterados, transpondo para a grafia ocidental a pronúncia original. O zi (子) em Kongzi e Zhuangzi traduz-se por “mestre”: Mestre Kong e Mestre Zhuang.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. *A filosofia da linguagem*. Campinas: Unicamp, 1998.

CAMPOS, H. *Ideograma: lógica, poesia, linguagem*. São Paulo: Edusp, 1994.

COSTA, C. *Filosofia da linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

DESHPANDE, M. Language and Testimony in Classical Indian Philosophy. In: ZALTA, N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2020/entries/language-india/>. Acesso em: 24/06/20.

DUTRA, L. H. A. *Filosofia da linguagem: introdução crítica à semântica filosófica*. Florianópolis: UFSC, 2017.

FILOSOFIA DA LINGUAGEM – INTRODUÇÃO E PRINCIPAIS AUTORES. In: *Netmundi. Org: Filosofia na Rede*. Disponível em: <https://www.netmundi.org/filosofia/2019/filosofia-da-linguagem-introducao-e-principais-autores/>. Acesso em: 24/06/20.

GOODY, J. *O roubo da história: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do oriente*. São Paulo: Contexto, 2006.

HAMIL, S.; SEATON, J. P. *Chuang Tzu: ensinamentos essenciais*. São Paulo: Cultrix, 2000.

PHILOSOPHY OF LANGUAGE IN CLASSICAL CHINA. Disponível em: <https://philosophy.hku.hk/ch/lang.htm#Neom>. Acesso em: 24/06/20.

RUSSEL, B. *História do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.